

O ENCONTRO ENTRE IMAGOLOGIA E LITERATURA INFANTIL¹

Emer O'Sullivan*
emer.osullivan@leuphana.de
Leuphana Universität Lüneburg

Katia Aily Franco de Camargo** (Tradutora)
katia.aily@ufrn.br
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: A partir da década de 1970, a pesquisa em literatura infantil desenvolveu diversas abordagens, desde críticas ideológicas simples até aplicações mais sofisticadas da teoria pós-colonial, para analisar como, e com qual finalidade, membros de outros grupos nacionais, culturais, raciais e étnicos são representados em textos para crianças. No entanto, um campo de estudo pertencente à Literatura Comparada, a Imagologia, que trata especificamente da construção cultural e da representação literária de personagens nacionais na literatura, ainda não teve muito impacto na literatura infantil. Este artigo de revisão apresentará suas origens e métodos de investigação, assim como delineará áreas de interesse imagológico nas obras infantis, que já foram ou ainda estão esperando para serem abordadas de forma produtiva, a fim de mostrar o que o campo pode ganhar com essa abordagem.

Palavras-chave: imagologia; estudo de imagens; construção do caráter nacional; discurso; topografia.

1 Introdução

Estrangeiros, membros de outros grupos nacionais e étnicos, têm sido um tema privilegiado na literatura infantil desde seu começo. Uma das primeiras enciclopédias ilustradas para crianças, o *Bilderbuch für Kinder* [O livro ilustrado infantil²] de Bertuch, com doze volumes (1792–1830), publicada simultaneamente em alemão, inglês, francês e italiano, continha pequenos artigos sobre assuntos como zoologia,

¹ Esta tradução foi devidamente autorizada pela autora. O texto original foi publicado no periódico *International Research in Children's Literature*, vol. 4, n. 1, p. 1-14, 2011. DOI: 10.3366/ircl.2011.0003.

* Professora e diretora do Institut of English Studies da Leuphana Universität Lüneburg, Alemanha. Especialista em literatura infantil comparada e estudos da tradução, é autora de obras fundamentais como *Comparative Children's Literature* (Routledge, 2005) e *Imagology Meets Children's Literature* (John Benjamins, 2023).

** Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Doutora em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorados na UFRJ, na Université de Saint-Quentin-en-Yvelines (França), na Université de Montréal e de Sherbrooke (Canadá). Atua nas áreas de Literatura Comparada e Estudos da Tradução.

² Os títulos entre colchetes e sem itálico correspondem a traduções livres, não publicadas oficialmente em português. Os títulos em itálico indicam edições já traduzidas e publicadas em língua portuguesa.

geografia e antropologia, e nas seções “povos e costumes”, encontramos imagens de grupos como os indígenas americanos, os habitantes do Sudão, da Groenlândia e das Terras Altas da Escócia, os quais são retratados recepcionando viajantes da Europa Central em suas cabanas. Apresentadas como educativas, essas imagens exóticas também eram muito divertidas, e, gradualmente, as pessoas e locais estrangeiros deixaram os limites da enciclopédia e do livro de geografia para povoar os gêneros de aventura ficcional que dominaram a literatura infantil dos séculos XIX e início do XX. A literatura multicultural de hoje, por outro lado, tem como objetivo refletir a diversidade étnica e cultural de muitas cidades e países.

Como convém a uma revista dedicada à pesquisa internacional em literatura infantil, o tema da identidade nacional e cultural e sua construção, bem como a representação do “outro” na literatura infantil têm sido o foco de diversos artigos na *International Research in Children's Literature* [IRCL – Pesquisa internacional em Literatura Infantil]. Em sua primeira edição, Anna Karlskov Skyggebjerg examinou a representação da identidade nacional em dois romances históricos para crianças que abordam a mesma lenda sobre a bandeira dinamarquesa e sua relação com a conquista da Estônia no século XIII. Focando nas representações de poder e identidade nacional em *Nils Holgerssons underbara resa genom Sverige* (1906) [*A maravilhosa viagem de Nils Holgerssons*], de Selma Lagerlöf, Björn Sundermark mostrou, na edição seguinte, como Lagerlöf criou um “folkhem” [lar] em seu texto, no qual as classes sociais, grupos étnicos e diferenças linguísticas são reunidos para se criar um senso de pertencimento e destino suecos. No artigo *Internacionalism, Transculturalism and Globalisation* [Internacionalismo, Transculturalismo e Globalização], Anna Katrina Gutierrez explorou a relação entre “glocalização”³ e a formação da identidade nacional em álbuns-ilustrados de recontos de quatro contos de fada filipinos da série *Mga Kwento ni Lola Basyang* [As histórias da vovó Basyang], de Severino Reyes. Marek Oziewicz (2010), ao examinar obras de Philip Pullman, Jonathan Stroud e J.K. Rowling, revelou como esses autores perpetuam a “superioridade político-cultural ocidental” em relação aos europeus orientais. O desenvolvimento do que Michelle Superle (2010) chama de “identidade ‘sincrética bicultural’” ou *masala self* (p. 131) de jovens indianos de segunda-geração em

³ “Glocalização”, combinação entre “global” e “local”, representa uma abordagem que valoriza a integração de estratégias globais com adaptações locais (sociais e culturais). Cf. Lourenço, 2014. [N.T.]

romances contemporâneos de escritores asiáticos da diáspora foi discutido em uma edição recente, que também trouxe Evelyn Arizpe investigando ficção de aventura contemporânea para jovens-adultos ambientada na América Latina, a fim de observar como os leitores são posicionados em relação ao repertório de imagens latino-americanas derivado do discurso colonial sobre paisagem, cultura e habitantes.

Esses artigos instigantes, assim como as coletâneas de artigos editadas sobre aspectos da identidade nacional (Webb, 2000; Meek, 2001) e os livros autorais (Bradford 2001, Sands-O'Connor 2007) baseiam-se em uma série de discursos diferentes: estudos pós-coloniais, multiculturalismo, orientalismo e globalismo⁴. No entanto, uma abordagem dedicada exclusivamente à construção e representação de imagens do eu e do outro cultural tem, até agora, passado em grande parte despercebida pela maioria dos estudiosos de literatura infantil que aborda essas imagens⁵.

2 Imagologia

O termo “imagologia”, um neologismo⁶ técnico, aplica-se a uma abordagem enraizada na Literatura Comparada que investiga a expressão literária de imagens mentais do “outro” e do “eu”. Em uma definição recente de Ton Hoenselaars e Joep Leerssen (2009, p. 251), o termo é definido da seguinte forma:

A imagologia baseia-se, mas não se limita, ao inventário e à tipologia de como as nações são tipificadas, representadas e/ou caricaturadas em uma determinada tradição ou *corpus* de articulações culturais. A partir da análise de textos ou artefatos culturais, ela levanta questões sobre o mecanismo de “alterização” nacional/étnica e suas autoimagens subjacentes. As questões levantadas dizem respeito à relação entre “caráter” e “identidade”; variabilidade histórica; gênero, canonicidade e ironia; e intermedialidade.

⁴ “Globalismo”: “Nas Ciências Sociais, o termo é empregado para referir-se a uma conjuntura social, geopolítica e histórica sobre a qual atuam diferentes segmentos da sociedade, desde indivíduos a grupos coletivos, envolvendo nações, nacionalismos e nacionalidades e suas diversas formas de comportamento” (Alves Pena, s.d.). [N.T.].

⁵ Com exceção de Oziewicz, que utiliza o termo imagologia (2010, p. 2) e faz referência a essa abordagem.

⁶ Embora os estudiosos franceses e alemães estejam à vontade com o uso do termo “*Imagologie*”, seu equivalente em inglês é considerado pouco elegante por alguns acadêmicos de língua inglesa, que preferem utilizar o termo “*image studies*”. No entanto, o risco é que a palavra “image” em *image studies* seja entendida como uma visualização pictórica, em vez de uma imagem mental, o que alinha essa abordagem, de forma equivocada, aos estudos visuais.

As origens da imagologia encontram-se na França do início do século XX, quando estudiosos se interessavam especificamente pelas mudanças na imagem da Alemanha e dos alemães na literatura francesa e como essas mudanças eram influenciadas pelo contexto sócio-histórico. No entanto, esse ramo nascente dos estudos comparados foi rejeitado por René Wellek em sua palestra *The Crisis of Comparative Literature* [A crise da Literatura Comparada], em 1958, quando, com a pergunta “Pode ser muito interessante saber o conceito que os franceses faziam dos alemães ou ingleses – mas seria este ainda um estudo literário?” (Wellek, 1963, p. 284. Trad. Maria Lúcia Rocha-Coutinho⁷), ele descartou os estudos imagológicos como sendo extrínsecos à verdadeira preocupação dos estudos literários comparados, enxergando neles apenas psicologia nacional, sociologia e Stoffgeschichte⁸ sob outro nome. Em face dessa visão depreciativa, Hugo Dyserinck, professor de literatura comparada em Aachen, continuou a desenvolver a imagologia a partir do final dos anos 1960, concentrando-se tanto na função literária intrínseca quanto na importância ideológica geral das imagens nacionais. No âmbito dos Estudos Europeus da Universidade de Amsterdã, Joep Leerssen, ex-aluno de Dyserinck e atualmente um dos principais estudiosos da área, estabeleceu o estudo histórico da interação entre o discurso e a invocação política dos caracteres nacionais e sua representação retórica em textos literários.

Desde o final da década de 1980, trabalhos sobre orientalismo, pós-colonialismo, o estudo da alteridade e a história das mentalidades trouxeram a representação literária do que é “estrangeiro” e “outro” para o centro dos estudos culturais e literários. Concomitante ao crescente interesse geral pelo estereótipo cultural e pela construção de identidades, surgiu um novo interesse pela própria imagologia. Como abordagem, ela antecede essas correntes mais recentes, mas também se beneficia delas. Junto com Manfred Beller, Leerssen editou a obra seminal *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters* [Imagologia: A construção cultural e a representação literária dos caracteres nacionais]; esta, juntamente com a edição especial da *European Journal of English Studies* [Revista Européia de Estudos Ingleses] sobre “The

⁷ Uma versão brasileira do texto de Wellek pode ser encontrada em Coutinho e Carvalhal (1994) [N.T.].

⁸ “Termo alemão de difícil tradução [...] Literalmente, significa uma história sobre uma determinada matéria ou tema. Como tal, podemos traduzi-lo por tematologia” (Godinho, 2009) [N.T.].

Retic of National Character” [A retórica do caráter nacional], são fortes indicadores do renovado interesse por esse campo da literatura comparada.

Em seu artigo programático *Imagology: History and Method* [Imagologia: História e Método], Leerssen lista quatro pressupostos básicos da imagologia que a posicionam especificamente como um ramo dos estudos literários. O primeiro é que ela “oferece prova contínua de que é no campo da literatura imaginária e poética que os estereótipos nacionais são, pela primeira vez e de forma mais eficaz, formulados, perpetuados e disseminados” (Leerssen, 2007, p. 26). O segundo pressuposto é que as imagens funcionam “principalmente por causa de sua tropicalidade intertextual [...], a referência primária *não* é à realidade empírica, mas a um intertexto, uma caixa de ressonância, de outras instâncias textuais relacionadas” (p. 26). O terceiro pressuposto é que as fontes literárias, devido à sua longa duração e atualidade, perpetuam imagens ao longo do tempo. Esse pressuposto, naturalmente, só pode ser aplicado a textos com certo grau de canonicidade. O quarto e último pressuposto é que a literatura é um “gênero privilegiado para a disseminação de estereótipos, porque muitas vezes funciona com a pressuposição de uma ‘suspensão da descrença’ e algum crédito (pelo menos estético) de apreciação por parte do público” (p. 26). Esses são os quatro fatores que dão à imagologia sua *raison d’être*.

No mesmo artigo, Leerssen prossegue listando o que ele chama de “pressupostos metodológicos” da imagologia (p. 26). Embora não se trate estritamente de uma metodologia (ele utiliza, de forma interessante, o termo mais rigoroso “metodológico” como qualificativo para o substantivo mais brando “pressupostos”), eles são, no entanto, uma primeira formulação estruturada dos princípios da investigação imagológica e, portanto, merecem ser apresentados com certo detalhe.

1. O primeiro deles é que a perspectiva última dos estudos de imagem é uma teoria dos estereótipos culturais ou nacionais, e não uma teoria da identidade cultural ou nacional: “o referencial do ‘imagólogo’ é textual e intertextual” (p. 27). O objetivo da imagologia é entender um discurso de representação, não uma sociedade.
2. Como a nacionalidade representada (o *spected*) é sempre refletida na perspectiva do texto ou discurso representador (o *spectant*), os imagólogos estão particularmente interessados na dinâmica entre “as imagens que

caracterizam o Outro (*heteroimagens*) e aquelas que caracterizam a própria identidade doméstica (*autoimagens* ou *self-images*)" (p. 27).

3. A imagologia diferencia entre declarações de fato, como "a França é uma República", e o que Leerssen (2007) chama de "discurso imaginado" (p. 28), tal como "os franceses são indivíduos que amam a liberdade". Em geral, o discurso imaginado "destaca uma nação do resto da humanidade como sendo de algum modo diferente ou 'típica', e [...] articula ou sugere uma motivação moral coletivo-psicológica para determinadas características sociais ou nacionais" (p. 28). Portanto, a imagologia está especificamente preocupada com a "explicação caracterológica" da diferença cultural.
4. Ao examinar um texto literário, a primeira tarefa de um imagólogo é estabelecer o intertexto de uma representação nacional específica como um tropo. Em seguida, ela/ele deve investigar a tradição do tropo, bem como as tradições de sua apreciação ou depreciação. Somente com uma compreensão da tradição o crítico pode examinar como um tropo é efetivamente utilizado no texto, até que ponto ele é ecoado ou reforçado, variado, negado, tematizado, ignorado ou até mesmo ridicularizado pelo texto em questão (p. 28 e O'Sullivan, 1989).
5. Após estabelecer sua tradição, o imagólogo deve contextualizar o tropo dentro do texto de sua ocorrência, levando em consideração as diferentes convenções e técnicas genéricas que são empregadas nos diversos tipos de textos ficcionais, narrativos, poéticos, dramáticos, visuais, e assim por diante. A utilização textual de uma determinada imagem só pode ser adequadamente compreendida quando há uma conscientização das convenções da poética específica do gênero, (narrativa) técnicas e convenções.
6. A contextualização histórica, é claro, é de vital importância, pois os textos literários não são produzidos nem podem ser interpretados em uma "terra do nunca estética e atemporal" (Leerssen, 2007, p. 28).
7. Uma perspectiva pragmática, que até agora tem sido defendida, embora pouco tenha sido feito nessa área, questiona sobre o público-alvo do texto. Isso é de extrema importância para uma literatura definida por seu público, como é o caso da literatura infantil. Pergunta-se: "Como sua retórica e o uso de tropos nacionais são direcionados a esse público-alvo? Há alguma evidência sobre a recepção e o impacto do texto?" (p. 28).

8. Uma perspectiva adicional que Leerssen esboça envolve investigar a natureza das dinâmicas que podem causar a mudança de imagens entre modalidades contrastantes e valorizações opostas, como a transformação dos alemães de poetas-filósofos para tecnocratas tirânicos ou dos irlandeses de violentos irracionais para poéticos sentimentais.
9. Além das dinâmicas do eu-outro, nas quais a cultura doméstica é contraposta a outra, há uma função adicional das imagens a ser investigada: seu papel no processo de criação ou manutenção de um senso identitário por meio da rememoração histórica e da memória cultural. Isso é particularmente relevante no campo da literatura infantil.
10. Finalmente, Leerssen (2007) enfatiza a natureza comparativa do estudo das imagens nacionais porque ele “aborda as relações transnacionais em vez das identidades nacionais” (p. 29). Quando estudadas como um fenômeno multinacional, certos padrões de caracterização nacional se tornam evidentes. O próprio Leerssen identificou certas oposições morais-caracterológicas imaginadas que não são específicas de uma nação e podem ser encontradas em diferentes contextos: “Norte-cerebral em oposição ao Sul-sensual, periférico-atemporal em oposição ao central-moderno, ou ocidental-individualista-ativo em oposição ao oriental-coletivo-passivo” (p. 29). A partir desses padrões, Leerssen vai além e afirma que nossa forma de pensar em termos de caracteres nacionais “se resume a uma distribuição étnico-política de padrões de papéis em uma paisagem antropológica imaginada” (p. 29). Ele conclui seu artigo sobre a história e o método da imagologia com essa perspectiva, afirmando que é nesse aspecto que a imagologia apresenta tanto um desafio quanto uma promessa para futuras pesquisas.

Em resumo: as relações interculturais em termos de percepções mútuas entre nações ou grupos culturais, imagens e autoimagens e sua representação na literatura são o objeto tradicional da imagologia. Os estudos modernos de imagem investigam como uma imagem e seu contexto histórico são expressos nos textos, em vez de sua suposta referência à realidade empírica; no lugar de perguntar “Os espanhóis/franceses/chineses eram realmente assim?”, pergunta-se “Como eles são retratados e por quê?”. A imagologia observa o contexto da história contemporânea, bem como as convenções do discurso, tais como a intertextualidade, questionando

“De onde vêm as imagens, por que e como estão sendo usadas neste texto em particular e neste momento?”. Ela examina “os complexos vínculos entre o discurso literário de um lado e, de outro, o constructo-identidade nacional” (Leerssen, 2000, p. 270). Como uma teoria crítica e uma abordagem da história cultural transnacional dos estereótipos nacionais, a imagologia vai além das representações superficiais de como uma nação ou grupo étnico é retratado, por exemplo, na ficção contemporânea, buscando uma ampla contextualização histórica e o exame das tradições tropicais, além de considerar os padrões, a “gramática” da representação intercultural (Leerssen, 1997, p. 294).

A Imagologia é uma disciplina baseada em textos; seu objeto são as imagens mentais e sua representação na linguagem, mas até agora tem prestado pouca atenção às imagens materiais, às representações visuais. A preeminência da palavra escrita e literária pode ser vista como um legado da imagologia, que precisou defender sua legitimidade como um campo dos estudos literários. Hoje, quando a representação de culturas está cada vez mais se tornando privilégio dos meios de comunicação visual, a imagologia não pode se dar ao luxo de ignorá-los. A pesquisa em literatura infantil, que aborda formas híbridas e multimodais – especialmente os álbuns-ilustrados, com suas múltiplas variações de interação entre elementos verbais e visuais –, pode trazer uma contribuição significativa à imagologia, mostrando como a análise desse rico *corpus* formado pela combinação de *topoi* verbais e visuais pode contribuir para o estudo geral da representação de culturas.

3 Imagologia e literatura infantil

A literatura infantil é uma fonte particularmente rica para a pesquisa em imagologia, visto que nela a identidade de uma cultura é formulada. Ela oferece aos jovens leitores suas primeiras imagens de um mundo no qual estão gradualmente se aventurando, assim como o vocabulário de que precisam para ler esse mundo. A literatura infantil é o ramo da literatura lido e compartilhado pelo maior número de membros de grande parte das comunidades, e um local sancionado de comunicação sobre o que significa pertencer a um grupo específico. Nesse sentido, ela funciona como um reservatório da memória coletiva de uma nação. Como um espaço de tradição de informação, de crenças e costumes, ela reflete de forma explícita ou

latente as normas sociais e culturais dominantes, incluindo autoimagens e imagens dos outros. A literatura infantil tem uma função chave no estabelecimento da identidade do seu público-alvo de crianças, e também na manutenção da identidade para os adultos que produzem, disseminam e leem os textos junto com as crianças. No entanto, a literatura infantil é um dos *corpora* menos pesquisados na imagologia comparativa, e a pesquisa em literatura infantil, com algumas exceções⁹, tem prestado pouca atenção a essa abordagem.

Os primeiros estudos sobre imagens na literatura infantil raramente iam além do simples inventário temático das características atribuídas a certos grupos, ignorando “os complexos vínculos entre o discurso literário, por um lado, e os constructos de identidade nacional, por outro” (Leerssen, 2000, p. 270). A década de 1970 viu surgir uma consciência crescente e um desafio em relação ao viés eurocêntrico e às expressões de preconceito racial e/ou étnico na literatura infantil. Formas extremas dessa crítica, sob a bandeira do “politicamente correto”, produziram resultados questionáveis, como a proibição da rima “Baa baa black sheep” [ovelha negra] por motivos raciais em creches e escolas do ensino básico. A representação de afro-americanos, africanos, do “Terceiro Mundo” em geral e dos trabalhadores migrantes foram temas populares em pesquisas sobre “discriminação”, “preconceito” e “racismo” na literatura infantil (cf. Dixon, 1977; Becker, 1977; Renschler; Preiswerk, 1981). O estudo alemão publicado por Marieluise Christadler em 1978 sobre a militarização na literatura infantil na Alemanha e na França antes de 1914 marcou o início de uma abordagem diferenciada dos estudos de imagem nessa literatura, mostrando como as imagens recíprocas na literatura infantil da França e da Alemanha foram usadas como propaganda para mobilizar a juventude na véspera da Primeira Guerra Mundial.

Em *Comparative Children's Literature* [Literatura Infantil Comparada], primeira monografia em inglês sobre abordagens comparativas de livros infantis, Emer O'Sullivan (2005) identifica os estudos de imagem como uma das nove áreas

⁹ Uma das pesquisadoras que propõem isso é Dominique Sandis, que apresenta um modelo baseado em abordagens de análise da tradução, especialmente nas “zonas de intraduzibilidade” de Göte Klingberg, e na imagologia, sob a forma de uma lista de verificação com componentes usados na construção literária da nação (ou nacionalidade), os quais podem servir como indicadores de nação (nacionalidade) em textos literários (p. 105). Essa lista inclui elementos como: “*costumes e tradições*”, “*religião*”, “*história e patrimônio cultural*”, “*sociedade/vida cotidiana e objetos*”, “*ideologia/política*”, “*particularidades narrativas*” e “*intertextualidade*”. É uma lista útil de elementos, mas sua fragilidade como “*modelo de componentes da nação (nacionalidade)*” reside no fato de tratar elementos heterogêneos – como elementos de representação (por exemplo, aparência física) e elementos do discurso (por exemplo, técnicas literárias) – como se estivessem no mesmo nível.

constituintes da literatura infantil comparada e fornece um breve estado da arte da área¹⁰.

4 Configuração de um “Outro/Estrangeiro” específico na literatura infantil

Esta é a área mais explorada nos estudos sobre literatura infantil, abrangendo desde pesquisas tradicionais sobre “temas e motivos”, que se limitam a categorizar e catalogar a presença de um grupo cultural ou nação na literatura de outro, até investigações mais sofisticadas que analisam o tecido ideológico dos textos. A representação dos nativos americanos, por exemplo, ou das culturas asiáticas, são temas populares nas abordagens multiculturais (ver Monroe, 1997); algumas dessas pesquisas são elaboradas a partir de uma perspectiva crítica claramente ideológica (Maddy; MacCann, 2008). Há inúmeros estudos sobre a representação de nações, regiões ou grupos étnicos específicos na literatura infantil alemã, como a Turquia (Grenz, 1996), a União Soviética¹¹ (Eberlein, 1991), os africanos (Attikpoe, 2003) ou os “ciganos” (Briel, 1989).

As possíveis limitações das abordagens que se concentram em um único grupo ou nação incluem o particularismo: quando analisada isoladamente, a conexão ou os paralelos entre a representação desse grupo específico e a de outros na literatura do observador não podem ser reconhecidos. Outra limitação pode estar no período abordado pelo *corpus*: muitas vezes, a variabilidade histórica das representações não é considerada, pois a análise oferece apenas um retrato superficial das imagens vigentes em um período limitado (geralmente contemporâneo). A limitação final ocorre quando a questão dos estereótipos é examinada de forma isolada, sem levar em conta outros níveis discursivos no texto.

Um estudo que evitou essas limitações de maneira exemplar foi a grande pesquisa imagológica realizada na Universidade de Leipzig, que adotou uma abordagem histórica e analisou a representação de todos os estrangeiros na literatura infantil alemã – tanto na República Democrática Alemã (RDA) quanto na República Federal da Alemanha (RFA)¹² – no período entre 1945 e 2000. A densa

¹⁰ Cf. também O'Sullivan, 2007.

¹¹ Nação que existiu entre 1922 e 1991 [N.T.].

¹² A RDA (República Democrática Alemã), ou Alemanha Oriental, e a RFA (República Federal da Alemanha), ou Alemanha Ocidental, foram criadas em 1949, após a Segunda Guerra Mundial. A RDA

obra de Weinkauff e Seifert (2006), com mais de mil páginas e baseada em um banco de dados que reúne mais de 8 mil textos primários, examina a representação de culturas distantes (América, América Latina, Ásia e África), bem como daquelas mais próximas da Europa, a fim de investigar as mudanças na percepção e na representação da alteridade ao longo de meio século, levando também em conta o papel da transferência cultural. Trabalhando especificamente no contexto da imagologia, esse estudo multifacetado compara e reflete as diferenças tanto no nível diacrônico, registrando uma redução do grau de exotismo na representação das culturas estrangeiras ao longo do tempo, quanto no nível sincrônico, comparando, por exemplo, o papel e a função do romance de aventura na RDA com seu homólogo na RFA. O estudo ilustra como uma abordagem diacrônica e multinacional combinada (do ponto de vista do observador) pode ser altamente produtiva, pois permite identificar mudanças no *status* relativo das nações ou culturas em determinados períodos de uma forma que não seria possível em uma análise bilateral (A na literatura de B). Além disso, destaca as razões culturais e políticas que justificam a predominância da transferência de determinadas literaturas em um país específico em um dado momento.

5 Topografias de culturas-específicas

A maneira que a relação entre as representações textuais e visuais da identidade cultural, nacional ou regional e a paisagem tem sido analisada por estudiosos como Reinbert Tabbert (1995) que, ao focar especificamente nas autoimagens, examina a predominância e a importância de certos aspectos do ambiente na literatura infantil de diferentes culturas, tais como a floresta nos livros alemães, o jardim nos ingleses, os Alpes nos suíços e o *outback* na literatura infantil australiana (*Nationale Mythen* [Mito nacional], *Umwelt*¹³ *mythen* [Mito ambiental]).

Em sua taxonomia das paisagens nos livros ilustrados australianos, John Stephens (1995) destaca que o elemento que mais claramente distingue a literatura de um país da de outro é o “sentido de lugar” (p. 97). Nesse contexto, as representações da paisagem funcionam como metonímias de significados sociais ou

deixou de existir em 1990, com a queda do Muro de Berlim e a reunificação alemã, que manteve o nome e o sistema da República Federal da Alemanha [N.T.].

¹³ “Umwelt é um termo trabalhado por Jakob Von Uexküll na biologia, datado de 1906, que indica a presença de uma esfera perceptiva ao redor do indivíduo” (Bruzzo, 2019).

do patrimônio cultural. Ele enfatiza a relação entre topografia e ideologia ao afirmar que o que é representado pode ser interpretado como uma “correspondência entre realidades externas e internas, tal como percebidas por uma sociedade em um momento cultural específico, com a implicação adicional de que os leitores internalizarão essa representação e os mitos que a acompanham” (p. 99). O papel da paisagem na literatura infantil inglesa e islandesa (Pálsdóttir, 2000), sua importância para a formação da identidade nacional na Suíça (Rutschmann, 1994), a reconstrução da pátria inglesa (Watkins, 1995) e a imagética topográfica do Shtetl nas narrativas americanas sobre migração (Pohl, 2005) são outros exemplos de pesquisas nessa área.

6 Funções das imagens: extratextuais e poetológicas

As imagens de nações estrangeiras e culturas podem ser utilizadas na literatura para incutir um senso de identidade nacional no processo de socialização, podendo, em casos extremos, assumir a forma de propaganda, geralmente construída por meio do contraste. O elemento estrangeiro atua como um contraponto contra o qual a identidade local se torna mais evidente e, na maioria das vezes, mais favorável. Na Suíça, imagens foram empregadas em romances históricos juvenis para promover a consciência nacional, bem como as virtudes da cidadania e da economia, indo além das fronteiras das quatro áreas linguísticas do país (Rutschmann, 1994). Christadler (1978), por sua vez, demonstrou como as imagens da “alteridade” na literatura infantil da França e da Alemanha foram utilizadas como ferramentas de propaganda de guerra.

As imagens familiares de certas nações fazem parte do que Umberto Eco (1979) chamou de *common frames* e *intertextual frames*¹⁴ na literatura (p. 20). Esses estereótipos, reconhecíveis intertextualmente, podem ser considerados uma espécie de “taquigrafia literária” (O’Sullivan, 1989, p. 57), que ativam um repertório pré-programado de associações, conferindo-lhes um potencial estético especial. Embora a imagologia tenha sempre reconhecido a dimensão poetológica das imagens, raramente abordou de maneira direta suas diferentes funções literárias. Estudos conduzidos por O’Sullivan no final da década de 1980 demonstraram que os estereótipos nacionais podem ser considerados um pano de fundo sobre o qual cada

¹⁴ “Encenações” comuns e intertextuais. Cf. Eco, 1979, p. 10. [N.T.].

descrição de outra nação é escrita e lida, permitindo aos autores explorar seu potencial estético. As imagens podem ser mobilizadas para atender às expectativas e reafirmar estereótipos vigentes; também podem ser utilizadas para contrariar expectativas, ou podem até mesmo ser omitidas deliberadamente nos casos em que sua presença seria esperada. Os autores podem fazer dos estereótipos um tema, subvertê-los de forma lúdica, ou conferir-lhes uma função narrativa imanente dentro da obra. Um exemplo deste último caso pode ser encontrado em *Alberson and the Germans* (1977) [Alberson e os alemães], de Jan Needle, no qual os estereótipos nazistas comuns são funcionalizados e se tornam parte intrínseca da narrativa.

7 Constância e mudança na representação do Outro

Um estudo para determinar quais aspectos das imagens de outras nações permanecem constantes e quais mudam conforme as circunstâncias históricas e políticas, assim como para analisar como a valorização de determinadas características se altera ao longo do tempo, só pode ser realizado com um *corpus* que abranja um período de tempo significativo. Em um estudo diacrônico da ficção infantil britânica com uma temática alemã, publicado entre 1870 e 1990, abrangendo cerca de 250 fontes primárias, O'Sullivan (1990) traçou a interdependência entre as relações políticas e culturais das duas nações, demonstrando, por exemplo, como a representação dos alemães em um determinado momento histórico – como o da Segunda Guerra Mundial – variou de acordo com a data de publicação. Enquanto as representações dos alemães em todos os textos publicados antes de 1960 e ambientados nesse período eram predominantemente negativas, uma mudança pode ser observada por volta de 1970. A partir desse momento, embora os alemães continuem sendo retratados como inimigos no período em que a ação se passa, nota-se uma abordagem mais diferenciada, permitindo representações neutras ou até mesmo positivas de personagens individuais alemães (um exemplo famoso é *The Machine-Gunners* [1975] [Os metralhadoras], de Robert Westall). O mesmo estudo traça a valorização do estereótipo de “o alemão musical” ao longo de mais de 100 anos, demonstrando como ele se alinha à evolução da imagem do alemão gentil, amante da família e benevolente do primeiro terço do século XIX até a figura do alemão prussiano brutal, dominador e cruel das duas Guerras Mundiais. Essa

transformação reflete um dos fatores estruturais envolvidos na caracterização nacional: a oposição entre fraco e forte. Como observa Leerssen (2000):

As imagens de nações poderosas enfatizarão a impiedade e a crueldade associadas ao poder efetivo, enquanto as nações fracas podem contar tanto com a simpatia despertada pelo oprimido quanto com um exotismo benevolente, que só pode prosperar sob a condição da condescendência (p. 276).

Padrões dessa natureza só podem ser identificados por meio de estudos diacrônicos baseados em *corpora* extensos. Esses estudos são um campo promissor para futuras pesquisas imagológicas em literatura infantil, de modo a complementar trabalhos que analisam apenas imagens presentes em um determinado momento.

8 Migração

A migração na literatura é mais frequentemente discutida no contexto do multiculturalismo na literatura contemporânea. Em um estudo recente, Jana Pohl (2011) utiliza a abordagem da imagologia para examinar uma situação histórica de migração – a migração em massa de judeus da Europa Oriental para os Estados Unidos entre 1881 e 1924 – e como esse fenômeno é representado na literatura infantil norte-americana contemporânea. O foco central de sua análise está na representação literária de um movimento histórico e em como ele é posicionado na memória coletiva. A representação da Europa Oriental como região de origem e dos Estados Unidos como país de destino são colocadas em justaposição, e as funções poetológicas do “sonho americano” são analisadas. As questões que ela levanta incluem:

Como a Rússia e os Estados Unidos são representados verbal e visualmente, e como a perspectiva americana se relaciona com essas representações? As imagens do país de origem e do país de destino são utilizadas como artifício literário e empregadas para fins estéticos? Quando a diferença cultural entre o país de origem e a cultura de destino é reconstruída retrospectivamente, o que é lembrado e o que é esquecido? Que narrativa coletiva sobre a migração judaica emerge desses textos? (Pohl, 2011, p. 17).

Pohl demonstra como o tempo e o contexto em que os textos são produzidos influenciam a interpretação do período em que as narrativas se passam. Uma de suas conclusões mais significativas é que, por serem narradas por autores

americanos – mesmo se a maioria é baseada em histórias familiares (frequentemente contadas da perspectiva ficcional de um ancestral da Europa Oriental) –, essas histórias são, em última análise, narrativas de migração bem-sucedida. Assim, “as narrativas testemunham menos uma busca por raízes na Rússia e muito mais uma memória do início e da construção de um lar na América” (p. 245). As questões levantadas e as respostas apresentadas nesse estudo ilustram bem o tipo de contribuição que uma abordagem imagológica pode trazer para o estudo das narrativas de migração na literatura infantil.

9 O papel das imagens na tradução e na transferência cultural

Nos últimos anos, uma inovação significativa no campo da imagologia surgiu a partir das pesquisas em literatura infantil, graças ao trabalho de Martina Seifert, que conectou essa área de forma produtiva a outro campo da literatura comparada: os estudos da tradução. Seu objetivo foi investigar como a seleção, tradução e comercialização da literatura infantil de uma determinada cultura de origem são influenciadas pelas imagens desse país na cultura de destino. Em seu artigo *The Image Trap: The Translation of English-Canadian Literature into German* [A armadilha da imagem: a tradução da literatura anglo-canadense para o alemão], Seifert demonstra que, devido ao impacto dos fatores imagológicos na tradução da literatura infantil, apenas os textos que se conformam a uma imagem pré-existente da literatura de origem são traduzidos. Assim, até a década de 1980, quase nenhum texto que “apresentasse o Canadá de maneira diferente de uma vasta região selvagem do norte, habitada por nativos e poucos adolescentes brancos, era considerado apto para tradução” ao alemão (2005, p. 233). No estudo sobre a representação de culturas estrangeiras na literatura infantil em língua alemã (Weinkauff; Seifert, 2006), o segundo de dois volumes é dedicado à discussão da transferência cultural na tradução de literatura da Irlanda, Canadá, Tchecoslováquia e Polônia, e investiga o impacto dos fatores imagológicos na tradução por meio da análise do contexto sócio-histórico que determina quais textos são selecionados para tradução e quais são excluídos. Nele, Seifert apresenta amplas evidências de que os desenvolvimentos políticos e a imagem pré-existente de uma cultura ou nação são fatores decisivos nesse processo.

10 Imagens: literária e visual

A fusão produtiva da imagologia com os estudos sobre migração e com os estudos da tradução está entre as recentes contribuições inovadoras da literatura infantil para essa área. Outra abordagem promissora, com potencial para gerar resultados significativos, é a integração entre a pesquisa sobre livros ilustrados e a imagologia, a fim de examinar as imagens de nações, culturas e grupos étnicos a partir de uma dupla perspectiva: por um lado, as representações conceituais desses grupos, formadas pela imaginação (o objeto de estudo da imagologia) e, por outro, a maneira como se manifestam nas imagens materiais dos livros ilustrados. Apesar da afinidade terminológica entre as imagens mentais, estudadas pela imagologia, e as imagens materiais, pouca atenção tem sido dada pela imagologia ao campo das artes visuais e da mídia. Alguns trabalhos em literatura infantil já abordaram a representação do espaço, da cultura ou da identidade nacional nos livros ilustrados, com diferentes graus de análise da iconografia propriamente dita (ver Stephens, 1995; Bradford, 1995; McCallum, 1997; Moebius, 2000; Christiansen, 2000; Lampert, 2008; Pohl, 2011).

Um estudo diacrônico sobre como os representantes de diferentes nações são retratados nos livros ilustrados no decorrer de um longo período de tempo – acompanhando tropos e intermedialidade no texto visual, intertextualidade no texto verbal, bem como as formas de interação entre esses elementos – ainda é uma lacuna na pesquisa sobre literatura infantil e imagologia. Na primeira publicação de um projeto de pesquisa da Universidade de Lüneburg, que investiga representações panorâmicas de várias nações (representadas por crianças, adultos, bonecas ou brinquedos) em livros ilustrados ingleses e alemães (ABC aprendendo o alfabeto, jornadas fictícias ao redor do mundo, entre outros), O'Sullivan (2009) examina como esses representantes são retratados em livros ilustrados voltados para o entretenimento de leitores jovens. O estudo leva em consideração a natureza composta dessas representações, analisando a iconografia da representação visual do caráter nacional, sua construção verbal e a interação entre o texto e a imagem.

A literatura infantil, com seus diversos *corpora* de textos visuais e verbais, que vão do século XVIII até o presente, representa um campo vasto e rico, porém ainda pouco explorado na pesquisa em imagologia. A imagologia, enquanto teoria crítica e abordagem da história cultural transnacional sobre as imagens culturais e étnicas,

permanece incompleta se não levar em conta o caráter socializador e os *corpora* multimodais da literatura infantil, bem como a abordagem analítica dessa disciplina em relação a eles. Quando a imagologia encontra a literatura infantil, ambos os campos se beneficiam.

IMAGOLGY MEETS CHILDREN'S LITERATURE

Abstract: Since the 1970s, children's literature research has developed a number of approaches, from simple ideological criticism to more sophisticated applications of postcolonial theory, to analyse how, and to what end, members of other national, cultural, racial and ethnic groups are represented in texts for children. However, a field of study within comparative literature, imagology, which specifically addresses the cultural construction and literary representation of national characters in literature, has not yet made much impact on children's literature. This review article will present its origins and methods of investigation as well as sketch areas in children's literature of imagological interest, which have been or are still waiting to be productively addressed, to show what the domain can gain from this approach.

Keywords: imagology; image studies; construction of national character; discourse; topography.

Referências

ALVES PENA, R. Conceito de globalismo. *Mundo da Educação*, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/conceito-globalismo.htm>. Acesso em: 17 jun. 2025.

ARIZPE, E. Obsidian knives and high tech: Latin America in contemporary adventures stories for young adults. *International Research in Children's Literature*, v. 3, n. 2, p. 190-204, 2010.

ATTIKPOE, K. *Von der Stereotypisierung zur Wahrnehmung des ‚Anderen‘*. Zum Bild der Schwarzafrikaner in neueren deutschsprachigen Kinder- und Jugendbüchern (1980-1999). Frankfurt; Berlim: Lang, 2003.

BECKER, J. *Alltäglicher Rassismus*: die afro-amerikanischen Rassenkonflikte im Kinder- und Jugendbuch der Bundesrepublik. Frankfurt; Nova Iorque: Campus, 1977.

BELLER, M.; LEERSSEN, J. (ed.). *Imagology*. The cultural construction and literary representation of national characters. Amsterdã; Nova Iorque: Rodopi, 2007.

BRADFORD, C. Exporting Australia: National identity and Australian picture books. *Children's Literature Association Quarterly*, v. 20, n. 3, p. 111–115, 1995.

BRADFORD, C. *Reading race*. Aboriginality in Australian children's literature. Melbourne: Melbourne University Press, 2001.

BRIEL, P. G. '*Lumpenkind und Traumprinzessin*': zur Sozialgestalt der Zigeuner in der Kinder- und Jugendliteratur seit dem 19. Jahrhundert. Gießen: Focus, 1989.

BRUZZO, M. Umwelt e os modelos de metaverso. *UX Collective*. 17 dez. 2019. Disponível em: <https://brasil.uxdesign.cc/umwelt-e-modelos-da-experiencia-virtual-856930ef8e54>. Acesso em: 14 mar. 2025.

COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. Textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CHRISTADLER, M. *Kriegserziehung im Jugendbuch*. Literarische Mobilmachung in Deutschland und Frankreich vor 1914. Frankfurt: Haag und Herchen, 1978.

CHRISTIANSEN, N. An attempt to create an international identity. The picture book in a literary, didactic and historical perspective. In: WEBB, J. (ed.). *Text, culture and national identity in children's literature*. Helsinki: Nordinfo, 2000. p. 109-123.

DIXON, B. *Catching them young*. Londres: Pluto Press, 1977. vol. 1: Sex, race and class in children's fiction; vol. 2: Political ideas in children's fiction.

EBERLEIN, T. Zum Bild der Sowjetunion in der Kinderliteratur der DDR. In: JANOTA, J. (ed.). *Kultureller Wandel und die Germanistik in der Bundesrepublik. Vorträge des Augsburger Germanistentages. Vielfalt der kulturellen Systeme und Stile*. Tübingen: Niemeyer, 1991. p. 292-301.

ECO, U. *The role of the reader: Explorations in the semiotics of texts*. Bloomington; London: Indiana University Press, 1979.

GODINHO, C. Stoffgeschichte. E-dicionário de Termos Literários, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/stoffgeschichte>. Acesso em: 23. jun. 2025.

GRENZ, D. Dieb, Kopftuchmädchen und Märchenheld. Die Darstellung türkischer Kinder in drei ausgewählten Kinderbüchern. *Beiträge Jugendliteratur und Medien*, v. 48, n. 1, p. 22-26, 1996.

GUTIERREZ, A. K. 'Mga Kwento ni Lola Basyang': A tradition of reconfiguring the Filipino child. *International Research in Children's Literature*, v. 2, n. 2, p. 159-176, 2009.

HOENSELAARS, T.; LEERSEN, J.. The rhetoric of national character. Introduction. *European Journal of English Studies*, v. 13, n. 3, p. 251-255, 2009.

JOBE, R. Establishing cultural identity through picturebooks. In: STYLES, M.; BEARNE, E. (ed.). *Art, narrative and childhood*. Stoke on Trent: Trentham, 2003. p. 79-85.

LAMPERT, J.. The ambiguous nature of multiculturalism in two picture books about 9/11. *CLCWeb: Comparative Literature and Culture*, v. 10, n. 2, 2008. Disponível em: <http://docs.lib.purdue.edu/clcweb/vol10/iss2/5>. Acesso em: 14 mar. 2025.

LEERSSEN, J. The allochronic periphery: Towards a grammar of cross-cultural representation. In: BARFOOT, C. (ed.). *Beyond Pug's Tour: National and ethnic stereotyping in theory and literary practice*. Amsterdã; Nova Iorque: Rodopi, 1997. p. 285-294.

LEERSSEN, J. The rhetoric of national character: A programmatic survey. *Poetics Today*, v. 21, n. 2, p. 267-292, 2000.

LEERSSEN, J. Imagology: History and method. In: BELLER, M.; LEERSSEN, J. (ed.). *Imagology. The cultural construction and literary representation of national characters*. Amsterdã; Nova Iorque: Rodopi, 2007. p. 17-32.

LOURENÇO, N. Globalização e glocalização. O difícil diálogo entre o global e o local. *Mulemba. Revista Angolana de Ciências Sociais*, v. 4, n. 8, p. 17-31, 2014.

MADDY, Y. A.; MACCANN, D. *Neo-imperialism in children's literature about Africa. A study of contemporary fiction*. Nova Iorque: Routledge, 2008.

MEEK, M. (ed.). *Children's literature and national identity*. Stoke on Trent: Trentham, 2001.

MCCALLUM, R. Cultural solipsism, national identities and the discourse of multiculturalism in Australian picture books. *Ariel*, v. 28, n. 1, p. 101-116, 1997.

MOEBIUS, W. The colors of kindness: Cultural heritage in the American picturebook. In: NASSEN, U.; WEINKAUFF, G. (ed.). *Konfigurationen des Fremden in der Kinder- und Jugendliteratur nach 1945*. München: Iudicium, 2000. p. 95-106.

MONROE, S. S. Beyond Pocahontas: Authentic images of Native American females in children's literature. *The New Advocate*, v. 10, n. 2, p. 149-159, 1997.

O'SULLIVAN, E. *Das ästhetische Potential nationaler Stereotypen in literarischen Texten: auf der Grundlage einer Untersuchung des Englandbildes in der deutschsprachigen Kinder- und Jugendliteratur nach 1960*. Tübingen: Narr, 1989.

O'SULLIVAN, E. *Friend and foe: The image of Germany and the Germans in British children's fiction from 1870 to the present*. Tübingen: Stauffenburg, 1990.

O'SULLIVAN, E. *Comparative children's literature*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 2005.

O'SULLIVAN, E. Children's literature. In: BELLER, M.; LEERSSEN, J. (ed.). *Imagology. The cultural construction and literary representation of national characters*. Amsterdã, Nova Iorque: Rodopi, 2007. p. 290-294.

O'SULLIVAN, E. S is for Spaniard: The representation of foreign nations in ABCs and picturebooks. *European Journal of English Studies*, v. 13, n. 3, p. 333-349, 2009.

OZIEWICZ, M. Representations of Eastern Europe in Philip Pullman's *His Dark Materials*, Jonathan Stroud's *The Bartimaeus Trilogy*, and J. K. Rowling's *Harry Potter Series*. *International Research in Children's Literature*, v. 3, n. 1, p. 1-14, 2010.

PÁLSDÓTTIR, A. H. Rolling hills and rocky crags: The role of landscape in English and Icelandic literature for children. In: WEBB, J. (ed.). *Culture and national identity in children's literature*. Helsinki: Nordinfo, 2000. p. 65-76.

POHL, J. Narrating your own history: Shtetl image and oral history in Kathryn Lasky's *The Night Journey*. In: O'SULLIVAN, E.; REYNOLDS, K.; ROMØREN, R. (ed.). *Children's literature global and local: Social and aesthetic perspectives*. Oslo: Novus Press, 2005. p. 160-172.

POHL, J. *Looking forward. Looking back*. Images of Eastern European migration to America in contemporary American children's literature. Amsterdã; Nova Iorque: Rodopi, 2011.

RENSCHLER, R.; PREISWERK, R. (ed.). *Das Gift der frühen Jahre: Rassismus in der Jugendliteratur*. Basel: Lenos, 1981.

RUTSCHMANN, V. *Fortschritt und Freiheit: nationale Tugenden in historischen Jugendbüchern der Schweiz seit 1880*. Zurich: Chronos, 1994.

SANDIS, D. Proposing a methodology for the study of nation(ality) in children's literature. In: CHAPLEAU, S. (ed.). *New voices in children's literature criticism*. Lichfield: Pied Piper, 2004. p. 105-118.

SANDS-O'CONNOR, K. *Soon come home to this island: West Indians in British children's literature*. Nova Iorque: Routledge, 2007.

SEIFERT, M. The image trap: The translation of English-Canadian children's literature into German. In: O'SULLIVAN, E.; REYNOLDS, K.; ROMØREN, R. (ed.). *Children's literature global and local: Social and aesthetic perspectives*. Oslo: Novus Press, 2005. p. 227-239.

SKYGGEBJERG, A.K. God, king and country: The depiction of national identity in Danish historical novels for children. *International Research in Children's Literature*, v. 1, n. 1, p. 27-37, 2008.

STEPHENS, J. Representations of place in Australian children's picture books. In: NIKOLAJEVA, M. (ed.). *Voices from far away: Current trends in international children's literature research*. Estocolmo: Center for the Study of Childhood Culture, 1995. p. 97-118.

SUNDERMARK, B. Of Nils and nation: Selma Lagerlöf's *The Wonderful Adventures of Nils*. *International Research in Children's Literature*, v. 1, n. 2, p. 292-294, 2008.

SUPERLE, M. Creating a 'Masala' self: Bicultural identity in Desi young adult novels. *International Research in Children's Literature*, v. 3, n. 2, p. 119-133, 2010.

TABBERT, R. Nationale Mythen in drei klassischen Bilderbüchern'. In: TABBERT, R. (ed.). *Kinderbuchanalysen II. Wirkung – Kultureller Kontext – Unterricht*. Frankfurt: dipa, 1991, p. 117-129.

TABBERT, R. Umweltmythen in Kinderbüchern verschiedener Nationen. In: NASSEN, U. (ed.). *Naturkind, Landkind, Stadtkind*. Literarische Bilderwelten kindlicher Umwelt. München, 1995. p. 135-151.

WATKINS, T. Reconstructing the homeland: Loss and hope in the English Landscape. In: NIKOLAJEVA, M. (ed.). *Aspects and issues in the history of children's literature*. Westport Ct.: Greenwood, 1995. p. 165-182.

WEBB, J. (ed.). *Text, culture and national identity in children's literature*. Helsinki: Nordinfo, 2000.

WEINKAUFF, G.; SEIFERT, M. *Ent-fernungen: Fremdwahrnehmung und Kulturtransfer in der deutschsprachigen Kinder- und Jugendliteratur seit 1945*. München: Iudicium, 2006.

WELLEK, R. *Concepts of criticism* S.G. Nichols (ed.). New Haven; Londres: Yale University Press, 1963.

Recebido em 22/04/2025

Aceito em 27/11/2025

Publicado em 23/12/2025